



**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA LICENCIATURA
EM GEOGRAFIA: DEMANDAS E SIGNIFICAÇÕES ENTRE
A “BUROCRACIA” DA REGÊNCIA DE ENSINO E A INTERVENÇÃO
NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS**

Ivaneide Silva dos Santos

Universidade do Estado da Bahia-UNEB/ SEC-Bahia
E-mail: ivaneide-uneb5@hotmail.com

Marcone Denys dos Reis Nunes

Universidade do Estado da Bahia-UNEB/ SEC-Bahia
E-mail: mnunes@uneb.br

Resumo: No contexto das reformas curriculares para a formação de professores o estágio supervisionado desponta como elemento indispensável à construção do ser profissional docente, sobretudo com o aumento de sua carga horária nos cursos de licenciatura, que geralmente é dividida em modalidades e componentes curriculares, oportunizando uma maior relação universidade-escola e demais espaços formativos. Todavia, as demandas dos diferentes momentos de estágio promovem distintas significações por parte dos estagiários, principalmente entre os discursos referentes à “burocracia” da regência de estágio nas escolas e as intervenções nos espaços não formais. Esta problemática nos leva a questionar se as diferentes significações de estágio interferem na formação do futuro professor, no nosso caso específico, em Geografia. Desta forma, o presente artigo objetiva discutir as demandas e significações do estágio supervisionado nesta área do conhecimento, tomando como foco de estudo um curso de licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. O trabalho insere-se no contexto das produções dos Grupos de Pesquisa APEGEO/ UNICAMP e NEG/UNEB; surgiu a partir da nossa experiência de ensino com esse componente curricular. A abordagem metodológica é qualitativa, com realização de grupo focal com estagiários, entrevistas com professores supervisores, observações em regências e oficinas pedagógicas de estágio. Os resultados revelam que os sentidos discursivos dos estagiários são mais favoráveis na prática de estágio da modalidade “espaços não formais” por estes possuírem maior liberdade de escolha da temática a ser desenvolvida, bem como do público/instituição onde as intervenções ocorrem.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Geografia. Espaços não formais. Significações.

INTRODUÇÃO

Os debates contemporâneos sobre a formação do professor, no nosso caso de Geografia, tem tensionado discussões referentes ao papel do estágio supervisionado enquanto componente curricular integrante dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação, assim como eixo articulador da teoria e da prática, do ensino e do campo de trabalho, ou seja, entre o percurso acadêmico e o fazer profissional.

Sabemos que as mudanças expressivas nas recentes legislações que orientam e regulamentam os cursos de licenciatura no Brasil, no que concerne ao aumento da carga horária deste componente curricular para 400 horas e sua distribuição a partir do início da segunda metade do curso, embora sejam marcadas por embates e conflitos, tem contribuído para uma maior vivência e articulação dos graduandos entre pesquisa, extensão e ensino, bem como a relação universidade, escola e demais espaços formativos da sociedade. Em se tratando da licenciatura em Geografia, o estágio supervisionado também pode favorecer ao licenciando uma maior compreensão da realidade espacial e as múltiplas interações entre a sociedade e a natureza, bem como as práticas discursivas que produzem sentidos do que é ser professor de Geografia na educação básica.

Considerando que a oferta da carga horária de estágio supervisionado se dá de maneira diferente nos currículos dos cursos de formação de professores da educação básica do país, sendo distribuída geralmente em modalidades (observação, intervenção em espaços não formais e regência nas escolas) e componentes curriculares, existem diferentes demandas em cada etapa que promovem distintas significações por parte dos alunos estagiários, sobretudo entre o que eles chamam de “burocracia” na regência de estágio nas escolas e as intervenções nos espaços não formais. Esta problemática nos leva a questionar se as diferentes significações de estágio supervisionado interferem na formação e atuação profissional do docente, no nosso caso específico, em Geografia.

Desta forma, o presente artigo objetiva discutir as demandas e significações do estágio supervisionado nesta área do conhecimento, tomando como foco de estudo o curso de licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina. O trabalho insere-se no contexto das discussões do Núcleo de Estudos Geográficos (NEG) da UNEB, o qual promove reflexões referentes ao ensino, a pesquisa e a extensão nos mais variados âmbitos e áreas dos saberes geográficos; e nas produções do Grupo de Pesquisa Ateliê de Pesquisas e Práticas em Ensino de Geografia (APEGEO) da Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, o qual desenvolve pesquisas acadêmicas em nível de graduação e pós-graduação, atividades de extensão e práticas educacionais de formação inicial e continuada em Educação em Geografia, sejam elas em ambientes formais ou não formais de Educação.

A problemática surgiu a partir da nossa experiência, tanto como professores da rede estadual de ensino do estado da Bahia, como dos componentes curriculares Estágio Supervisionado em Geografia do curso de licenciatura em Geografia do Campus IV da UNEB, sobretudo durante as realizações das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos estagiários nos espaços não formais e nas regências de ensino em sala de aula das escolas-campo de estágio no município de Jacobina-BA.

A abordagem metodológica é qualitativa, a partir do desenvolvimento de grupo focal com estagiários, entrevistas com professores supervisores do referido curso, observações em regências e oficinas pedagógicas de estágio desenvolvidas no ano de 2017.

Portanto, as narrativas dos alunos estagiários, colhidas nos grupos focais, bem como as observações diretas nas aulas de estágio supervisionado e nas regências de ensino, nos revelam que os estagiários possuem mais interesse em realizar a modalidade de estágio supervisionado em “espaços não formais” da educação. Os discursos dos participantes da pesquisa revelam que estes possuem maior liberdade de escolha da temática a ser desenvolvida, dos procedimentos e execuções das oficinas e mini-cursos, bem como do público/instituição onde as intervenções ocorrem, o que torna o processo de ensino e aprendizagem mais significativo e menos burocrático no âmbito do curso de licenciatura em Geografia. Assim, a discussão sobre o estágio supervisionado em espaços não formais terá maior destaque no presente texto.

METODOLOGIA

A pesquisa utilizou a abordagem metodológica qualitativa de caráter exploratório, com contextualização e interpretação da realidade, procurando compreender e explicar a dinâmica das relações dos fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada para a obtenção de conhecimento. Para tanto, realizamos dois grupos focais com 10 alunos estagiários do curso de Geografia da UNEB/Campus IV. O grupo focal 1 foi composto por 5 alunos que estavam matriculados no componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia I, e o grupo focal II com 5 alunos matriculados no componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia III. Vale salientar que a escolha dos participantes ocorreu aleatoriamente. Também foram realizadas observações in loco nas oficinas pedagógicas de Estágio em espaços não formais da educação e nas regências em sala de aula, entrevistas semi-estruturadas com 3 professores de estágio do referido curso, assim como análise de documentos como relatórios, legislações e registros fotográficos, sem a intenção de generalizar ou inferir os resultados. O recorte da pesquisa se deu entre os semestres letivos 2017.1 e 2017.2, período em que foram ofertados os componentes curriculares de Estágio Supervisionado II (Espaços não formais) e III (regência no Ensino Fundamental II) no curso de Geografia da UNEB em questão.

A pesquisa bibliográfica também foi fundamental para auxiliar na compreensão do problema que se constituiu em torno da pergunta: **como as diferentes significações de Estágio Supervisionado interferem na formação do futuro professor de Geografia?** Desta feita, as reflexões de vários autores que abordam sobre o estágio nos cursos de formação de professores, no ensino de Geografia, bem como a educação não formal, como Pimenta e Lima (2004); Rangel (2007); Callai (1998), Straforini (2008), Gohn (2006), entre outros, foram bastante pertinentes para a escrita do artigo.

O trabalho contou também com os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria do Discurso fundamentada por Ernesto Laclau e Mouffe (2004), por considerarmos que

esta é uma ferramenta de compreensão do social por ordens discursivas, que ocorrem por meio de diferentes demandas e disputas por significações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões referentes às políticas públicas e propostas educacionais para a formação do professor por meio do ensino, da pesquisa e também da extensão, tem se intensificado nos últimos tempos, neste contexto o Estágio Supervisionado, em nosso caso na licenciatura em Geografia, torna-se um momento privilegiado de articulação entre teoria e prática docente, com fundamentos teóricos que devem permear todo o seu desenvolvimento, visando à construção de saberes necessários à docência.

Conforme apontado por Santos e Araújo (2016), a configuração do Estágio Supervisionado, após as reformas instituídas pela Resolução CNE/CP nº 1/2002 e CNE nº 2/2002 e ratificadas pela Resolução CNE/CP nº 2/ 2015, tem permitido aos futuros professores de Geografia da educação básica a interação de conhecimentos científicos e pedagógicos, a compreensão da dinâmica e contradições da escola, dos sistemas de ensino e políticas educacionais, com experiências concretas, assim como a construção da identidade profissional docente.

De acordo com Rangel (2007), o Estágio Supervisionado é o momento em que o estagiário tem um maior contato com a realidade escolar e vivencia uma troca de conhecimentos e experiências entre a universidade e a escola, atuando ativamente diante dos problemas encontrados no cotidiano do ensino da educação básica.

Sabemos que a operacionalização das 400 horas de estágio curricular supervisionado varia nos currículos de licenciatura do país, no curso de licenciatura em Geografia da UNEB/Campus IV, por exemplo os estágios supervisionados estão organizados em três modalidades e quatro componentes curriculares, cada um com carga horária de 100 horas/aulas, ofertados nos quatro últimos semestres do curso. Conforme o Projeto de Renovação de Reconhecimento¹ do curso em questão, essa distribuição ocorre da seguinte maneira: modalidade 1: **observação** dos espaços educativos formais com o componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia 1; modalidade 2: **intervenção pedagógica** em espaços formais e não formais, componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia II; e modalidade 3: Estágio de **Regência** nas escolas, com os componentes curriculares: Estágio Supervisionado em Geografia III, para regência em Ensino Fundamental; e Estágio Supervisionado em Geografia IV, para regência em Ensino Médio.

1 O Curso de Licenciatura em Geografia assumiu uma nova configuração na sua organização curricular aprovada através da Resolução do Conselho Universitário – CONSU 269/2004. O currículo anterior entrou em um processo gradativo de extinção e um novo currículo passou a vigorar a partir de 2004.1.

Como podemos ver, a proposta de operacionalização dos estágios supervisionados no curso de licenciatura da UNEB/Campus IV, proporciona aos estagiários não apenas uma vivência nos espaços educativos escolares, os quais ainda são vistos muitas vezes pelos alunos estagiários apenas como ambientes normatizados, com regras e padrões comportamentais definidos previamente, com demandas que envolvem explicação de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis e órgãos superiores, que requerem tempo, local específico, pessoal especializado e organização de vários tipos. Os discursos dos estagiários evidenciam que esses fatores acabam tornando os estágios desenvolvidos nas escolas como atividades burocráticas e com pouca significação para a formação docente em Geografia, conforme apontado por dois participantes do grupo focal 1².

O pior do estágio não é praticamente a aula em si, dar aula, mas é toda burocracia que tá por trás do estágio[...]Essa burocracia seria a questão de fichas que tem que preencher, essas coisas assim, os relatórios que acaba implicando um pouco (Participante – grupo focal– Estágio I).

[...] além de nós termos essa dificuldade da própria sala de aula, existem outros empecilhos que seria essa parte mais burocrática de ter que buscar o colégio em relação a esses documentos todos, essa formalidade que eu creio que deve existir, mas não com tanta complexidade. (Participante – grupo focal– Estágio I).

O enunciado dos participantes do grupo focal 1 demonstra uma certa insatisfação por parte dos estagiários em realizarem as atividades de estágio na escola. Todavia, sabemos que algumas ações consideradas como burocráticas, são imprescindíveis para que os estágios ocorram como: celebração de convênios entre as instituições, termo de compromisso dos estagiários, a supervisão, assim como o cumprimento da carga horária do estágio (RANGEL, 2007). Também existem várias possibilidades de realização deste componente curricular, tanto nos espaços educativos formais como nos espaços não formais, as quais se estendem para além das atividades burocráticas do espaço escolar e da sala de aula.

Sendo assim, aproximando essa problemática com a teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2004), podemos perceber que há uma diferenciação de sentidos quanto às práticas de estágio supervisionado nos cursos de licenciaturas, inclusive no de Geografia da UNEB/Campus IV. De acordo com os autores, assim como todo discurso, o significante estágio é constituído por uma fixação parcial de sentidos que se articulam por meio de pontos nodais a partir da abertura do social, que se constrói no campo da discursividade de maneira contingente e provisória de significações da realidade.

2 Relato concedido pelo grupo focal 1, correspondente à turma de Estágio Supervisionado em Geografia I, 5º semestre (2017.2), em 02 de outubro de 2017.

Essa provisoriedade discursiva tensiona o sentido de que a atividade docente não se restringe apenas ao espaço da sala de aula, pois, segundo Pimenta e Lima (2004), as relações que aí se estabelecem são determinadas pelos contextos mais amplos como a cultura escolar, pedagógica, administrativa, a comunidade na qual se insere, os alunos e seu mundo, os professores e sua história, os sistemas de ensino e a sociedade em geral.

Por conseguinte, o estágio supervisionado na licenciatura em Geografia configura-se como uma possibilidade de leitura do mundo, pois a Geografia se ensina/aprende na escola, mas pode ser também ensinada/aprendida na praça, na associação, no sindicato, na igreja e em outros locais, justamente porque é disciplina que contribui para a educação em geral, para o entendimento da realidade, do espaço produzido pelos seres humanos e como estes se relacionam, bem como a formação cidadã (CALLAI, 1998).

Segundo Pimenta e Lima (2004, p.164), o estágio em atividades não docentes nos sistemas de ensino poderá ter como objetivos:

[...] analisar a escola como instância integrante do contexto social e compreender a mútua influência entre eles; reconhecer e compreender as relações entre o espaço escolar, o sistema de ensino e o sistema social mais amplo; analisar se os compromissos com a educação inclusiva propostos em normas e leis são efetivados pelos órgãos dos sistemas; analisar os determinantes da profissão docente e suas influências nas atividades escolares.

Por conseguinte, de acordo com Gohn (2006), a educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. Esses processos de compartilhamento de experiências para resolução de problemas coletivos também aparecem na fala de uma professora supervisora do curso de Geografia da UNEB entrevistada, a qual, na caracterização do Estágio em Espaços não formais, que é o Estágio II, afirma que:

No Estágio II os alunos vão para os espaços não formais, então quando eles já tem esse embasamento, quando eles já conhecem esses diferentes espaços agora o desafio vai ser outro que é justamente aplicar essas atividades, e, um outro destaque também para os estágios 2, é que os alunos geralmente fazem essas atividades em grupos e isso também ajuda porque eles pensam juntos, e dialogam, constroem no coletivo, sem falar no diálogo que eles tem com os professores de estágio e com os demais professores também de outros componentes que trabalham com temáticas relacionadas ao que eles estão propondo desenvolver no estágio (Docente 3³).

3 Docente 3. Entrevista concedida em 22/01/2018.

O trabalho colaborativo proporcionado pelo Estágio Supervisionado II, apontado pela professora entrevistada, juntamente com a escolha das temáticas a serem discutidas proporcionam um sentido de estágio supervisionado mais significativo por parte dos estagiários, haja vista que as demandas deste componente curricular, embora sejam permeadas de planejamento prévio, leitura de textos científicos, orientação e supervisão para a realização das oficinas e mini-cursos, permitem uma maior flexibilidade quanto ao tratamento dos conteúdos geográficos, atividades teórico-práticas que potencializam a práxis docente e a transformação da realidade. As figuras 1 e 2 a seguir, registradas durante as oficinas da turma de Estágio Supervisionado II, ocorridas entre os meses de maio a junho de 2017, revelam um maior interesse por parte dos estagiários quanto à realização das atividades de estágio para esta modalidade.

Figura 1 – Oficina pedagógica sobre Geografia e cultura afro-brasileira

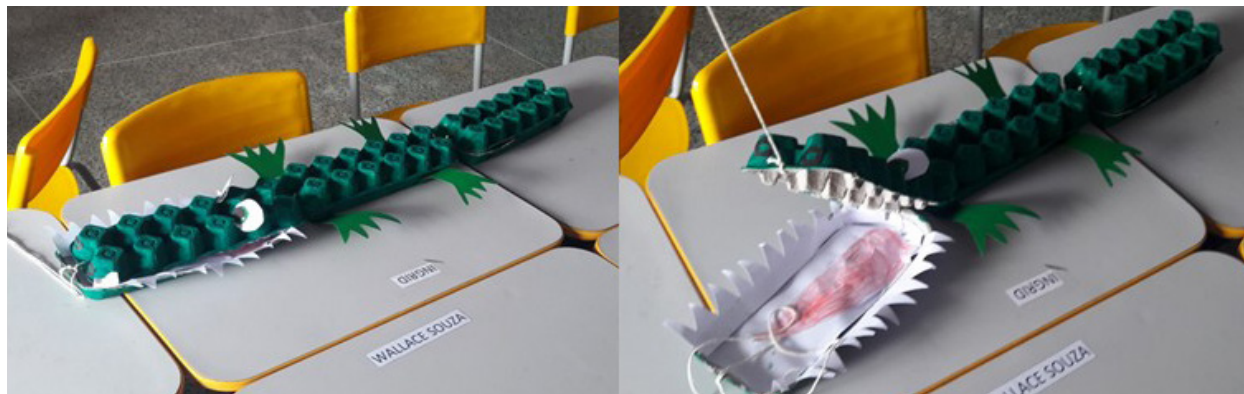


Fonte: Ivaneide S. Santos, 2017.

A figura 1 expõe um trabalho desenvolvido por uma dupla de estagiários que realizou o projeto de intervenção num espaço social não governamental, que promove atividades artístico-culturais e reforço escolar para crianças de quatro a dezessete anos de idade, moradoras de um bairro periférico da cidade de Jacobina. A temática geral do projeto de intervenção foi “Geografia e cultura afro-brasileira”. Conforme nos mostra a figura, os estagiários confeccionaram com as crianças participantes da oficina um mapa da África, contendo elementos histórico-geográficos com aspectos físicos, culturais e comerciais, bem como o processo de colonização daquele continente e as transformações no espaço geográfico, correlacionando com a realidade destes participantes. Durante a observação desta oficina foi possível perceber a desenvoltura dos estagiários em trabalhar o conteúdo, sobretudo por estes afirmarem o interesse particular pela temática em tela.

A figura 2 a seguir mostra o trabalho desenvolvido por outra dupla de estagiárias que realizou as oficinas numa creche municipal, no centro da cidade, com crianças de 3 a 4 anos de idade.

Figura 2 – Oficina pedagógica Educação Ambiental numa proposta de transformação da sociedade



Fonte: Ivaneide S. Santos, 2017.

A figura 2 exhibe a confecção de um jacaré com caixas de ovos, o qual foi construído com as estagiárias e as crianças, para falar sobre a preservação dos animais. Segundo uma das estagiárias, o jacaré se tornou um mascote da turma, porque é um brinquedo que chama a atenção das crianças. Durante a nossa observação nesta oficina ficou evidente que houve um trabalho de sensibilização antes da confecção do jacaré sobre a importância de preservação dos animais e também da reciclagem e redução do lixo, correlacionando o conceito de lugar com a realidade das crianças e envolvendo-as como participantes ativos na produção do espaço geográfico, conforme o pensamento de Straforini (2008).

Todavia, vale salientar que, conforme apontado por Nunes (2017), os espaços formais e não-formais da formação docente, presentes na estrutura curricular do curso de licenciatura em Geografia da UNEB/ Campus IV, são responsáveis, principalmente nos componentes de Estágio Supervisionado, por um conjunto de atividades essenciais em todo o processo formativo, podendo contribuir para a constituição do ser profissional docente em Geografia.

Portanto, ancorados na teoria do discurso, e com base nas experiências citadas neste texto, podemos concluir que o estágio supervisionado no curso de licenciatura em Geografia da UNEB, contribui de maneira significativa na formação dos futuros professores e que os sentidos discursivos quanto ao melhor momento de execução deste componente curricular e suas diferentes demandas são parciais e relacionais, pois, à medida que os estagiários vivenciam cada etapa (observação/coparticipação, intervenção em espaços não formais e regência) novas significações vão surgindo e estes podem redefinir conhecimentos e construir de suas próprias práticas metodológicas, contribuindo para uma profissão docente propositiva.

REFERÊNCIAS

BAHIA. **Resolução nº 269**, de 31 de maio de 2004. Aprova a implantação do redimensionamento do Currículo do Curso de Formação de Professores – Licenciatura Plena em Geografia. CONSU/ UNEB, Salvador, 2004.

BAHIA. **Projeto de Renovação de Reconhecimento do Curso de Licenciatura em Geografia**. – Jacobina, BA: /UNEB/PROGRAD, 2012.

BRASIL. **Resolução CNE/CP 2**, de 19 de fevereiro de 2002, que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Brasília, 2002.

BRASIL. **Resolução CNE/CP 2**, de 1º de julho de 2015, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, 2015.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. (Org. e outros). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS/AGB –, 1998.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 3 ed. São Paulo, Cortez, 2005.

LACLAU, E; MOUFFE, C. **Hegemonia y estratégia socialista: hacia una radicalización de la democracia**. Buenos aires, Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2004.

NUNES, Marcone Denys dos Reis, **Reforma curricular em Geografia na Universidade do Estado da Bahia: construção social e o papel dos sujeitos em uma teia de significações entre o pensado e o possível**. Campinas, SP: UNICAMP, 2017. (Tese de doutorado).

PIMENTA, S. G. & LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

RANGEL, Maria. Cristina. Estágio Supervisionado obrigatório na Licenciatura em Geografia. in: TRINDADE. G. A.; CHIAPETTI, R. J. N. (Orgs.). **Discutindo Geografia: doze razões para se (re) pensar a formação do professor**. Ilhéus: Editus, 2007.

SANTOS, Ivaneide S. dos; ARAÚJO, Joseane G. de. Operacionalização do Estágio Supervisionado na Licenciatura em Geografia no contexto das reformas curriculares contemporâneas. In: MURIA, Ângelo J.; AGUIAR, Márcia A. da S.; MOREIRA, Antônio F. B. (Orgs). **Currículo, formação e trabalho docente** – Anais do XII Colóquio sobre questões curriculares/VIII Colóquio luso-brasileiro de currículo/II Colóquio luso-afro-brasileiro de questões curriculares. Série. Recife: ANPAE, 2017.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2008.